



A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)



Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

Neste Boletim A Traça, o tema é a Literatura infanto-juvenil, e sua relação com a História da Educação.

Convidamos: tentem se lembrar de títulos, autores, coleções, que marcaram sua trajetória, em especial escolar, e pensem como essas referências têm uma dimensão formal, de ensino, mas também uma lúdica, e outra, até mesmo afetiva.

Algumas pesquisas dedicam-se a buscar compreender ideias, valores, e até mesmo dimensões curriculares que perpassam essas produções, e seu uso escolar. É sobre essas questões, que vocês lerão neste Boletim.

NESTE NÚMERO

UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

MONTEIRO LOBATO

PANORAMA CONTEMPORÂNEO

LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

A TRAÇA DIVULGA E CONVIDA

No dia 10 de agosto, no período da manhã, teremos duas atividades relacionadas ao Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação:

Das 8h00 às 9h45, a Oficina **CUIDADOS PARA A PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS**, que tem como objetivo trazer aos/às participantes, noções básicas sobre cuidados para a higienização e melhor preservação de documentos.



Das 10h00 às 11h30, a Mesa Redonda intitulada **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUNS CAMINHOS E POSSIBILIDADES**, terá uma participação do nosso Projeto, buscando trazer elementos sobre alternativas e ações desenvolvidas no período em que atividades presenciais eram inviáveis, e sobre o aprendizado neste período.

As inscrições para participarem destas atividades estão abertas até dia 01/08 (ou até atingirem o número de vagas, no caso da oficina).

Acessem em:

<https://educacao.ufpr.br/sepe/2022/07/26/inscricoes-para-participacao-em-minicursos-oficinas-e-mesas-redondas-vao-de-26-07-a-01-08/>

Introdução

O que a Emília, a Mônica, o Pequeno Príncipe e a Chapeuzinho Vermelho tem em comum? Eles, assim como muitos outros, fizeram – e fazem – parte da construção do imaginário de ficção de inúmeros brasileiros, inclusive do meu e do seu. Mas como se deu esse processo de construção? Quem decidiu quais personagens acompanhariam a trajetória escolar dos brasileiros?

As respostas para algumas dessas perguntas poderão ser encontradas no Boletim A Traça desse mês, cujo tema é a literatura infanto-juvenil e seus laços próximos com a História da Educação. O foco será voltado para o contexto brasileiro a partir da década de 1930, mas também abordará o histórico desse nicho literário, debates contemporâneos e a literatura como fonte para a historiografia da educação.

Uma Breve História da Literatura Infanto-Juvenil



Ilustração original da capa do
Contes de ma mère l'oye

Não tem como falar de literatura infantil sem da construção social da categoria “criança”. A concepção de infância passou por trancos e barrancos até se transformar no que conhecemos hoje; como aborda P. Ariès (1981), o conceito de infância era inexistente na Idade Média (apesar disso não configurar uma postura negligente em relação às crianças), e vai adquirindo um caráter mais específico somente a partir do séc. XVI— momento em que a natureza “imaculada” infantil começa a tomar maior potência, assim como a preocupação com a condução moral da criança, que poderia ser moldada tanto para o bem quanto para o mal, necessitando, então, de uma tutela civilizatória. Essas preocupações sociais voltadas para as crianças desenvolvem, então, uma série de artefatos voltados à infância, entre eles, o desenvolvimento do gênero de literatura infantil, que pode ser marcado com a publicação dos “Contos da Mamãe Gansa” de Charles Perrault, em 1697. (GARCIA E FACINCANI, 2007, p. 1)

Baseados na tradição oral francesa, os “Contos da Mamãe Gansa” incluem histórias como “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “Gato de Botas” e “Pequeno Polegar”, popularizadas depois também pelos Irmãos Grimm. Darnton (1986) afirma que, apesar da grande frequência de personagens de idade infantil, em sua maioria os contos não eram direcionados especificamente às crianças, mas tinham tendência de sugerir cautela, se voltando à realidade e aos possíveis perigos que o mundo tinha a oferecer.

A consolidação do gênero como instrumento pedagógico só se dá, entretanto, a partir do séc. XVIII; com a ascensão da classe burguesa em decorrência da Revolução Industrial, a escola se torna instituição chave para manutenção da criança na sociedade, visto que necessitavam de uma condução moral e intelectual que lhes preparassem para sua inserção no mundo. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 16) O texto literário contribuía para essa formação, além de depender da alfabetização de seu público alvo, estreitando os laços entre a literatura infantil e a escola desde seu princípio. O gênero passa a ser produzido em maiores quantidades na Europa a partir de meados do séc. XIX. Alguns exemplos citados por Lajolo e Zilberman (2007) são *Alice no País das Maravilhas* (1863), *Pinóquio* (1883), e *Peter Pan* (1911).



Ilustração contida na primeira edição de *Alice no País das Maravilhas*

A Literatura Infanto-Juvenil no Brasil

No Brasil, inauguradas as atividades editoriais a partir da implantação da Imprensa Régia em 1808, inicia-se uma fase esporádica de publicação de traduções de livros infantis. Podemos citar ambas as edições das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robinson Crusóe* e as adaptações de Grimm, Perrault e Andersen compiladas por Figueiredo Pimentel nos *Contos da Carochinha*.

A elaboração de uma tradição literária infantil nacional se dá no início do séc. XX, que também é marcado pela vertente pedagógica da Escola Nova, de caráter liberal e reformista, que tinha como um de seus princípios a valorização da cultura nacional (MENNA, 2015). Logo, como elaboram Lajolo e Zilberman (2007), há um clima de valorização da instrução e da escola somado à preocupação com a produção de um material adequado de leitura para as crianças brasileiras, gerando terreno propício para as produções de Olavo Bilac, Coelho Neto, Manuel Bonfim, Tales de Andrade, Júlia Lopes de Almeida e Monteiro Lobato.



"Contos da Carochinha",
edição de 1942

Cordeiro (2005) traz à tona outra figura relevante no meio: o livreiro e editor Francisco Alves, que de acordo com Aníbal Bragança, foi o primeiro editor brasileiro a quem os autores levavam seus escritos originais para posterior publicação. Por meio dele que foi publicado em Contos Pátrios (1904), estreia do poeta parnasiano Olavo Bilac na literatura infantil em conjunto com o romancista Coelho Neto. Bilac expressava preocupação com a qualidade de suas obras voltadas para a educação cívica, e continuou atuante no gênero, fazendo uso de diferentes estilos-
peças, narrativas históricas, narrativas ficcionais- com o objetivo de contribuir para uma formação patriótica e moral das crianças brasileiras.

Ficou curioso?

Aqui estão outros boletins que lidam com temas escolares



[Cadernos](#)
[Escolares](#)

< Clique no Link >

[Livros](#)
[Didáticos](#)



Monteiro Lobato

É difícil encontrar alguém que não tenha tido contato com o Sítio do Picapau Amarelo. A minha primeira memória nem vem dos livros, mas sim da adaptação feita pela Rede Globo de 2001 a 2007, uma dentre as inúmeras adaptações televisivas que a saga de Monteiro Lobato possui. Mas tudo isso começa em 1920, com a publicação do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, com o diferencial de ser escrito em uma linguagem mais próxima do público infantil.



Capa da 1ª edição

Diferente de Bilac, Lobato investe na área não só como autor, mas como empresário, fundando editoras que publicariam seus próprios livros. A saga, que havia estreado já como um best-seller, se expande, com as publicações de outras aventuras no mesmo universo; além de outros livros além do Sítio escritos pelo autor. Utilizando a referência cronológica estipulada por Lajolo e Zilberman (2007), o período de 1920 a 1945, marcado pelo sucesso de Lobato e a efervescência do Modernismo, é próspero para o mercado editorial infanto-juvenil e, como descrevem as autoras, se tornando um acervo consistente e integrado ao conjunto da cultura brasileira.

Mas nem tudo são flores: na década de 1940, as obras de Lobato começam a ser proibidas em colégios religiosos, consideradas nocivas para a formação moral das crianças, problematizando em específico as atitudes da personagem Emília. Outras questões fazem respeito às reflexões das ideologias racistas e higienistas de Monteiro Lobato em suas obras infantis, frequentemente trazidas à tona nos dias de hoje. São pertinentemente debatidas as consequências do uso de sua obra sem um tratamento crítico no ambiente escolar, entre outras questões.

Panorama Contemporâneo

Mesmo após a abordagem divergente de Lobato, como observam Pinheiro e Tolentino (2020), permaneceu-se a concepção utilitarista da literatura infanto-juvenil, ou seja, que a literatura voltada às crianças deveria ter função exclusiva de educação cívica e moral, como foi abordado no boletim até então. O paradigma começa a ser quebrado a partir da década de 1970, quando há um aumento na produção das obras e uma mudança no discurso ideológico que as norteariam, atrelada a um investimento nos detalhes gráficos dos livros; gerando assim uma nova vertente de literatura infanto-juvenil, não apenas preocupada em ser instrumento pedagógico.

Dando um considerável salto no tempo, todavia, é possível ver um possível retorno desse paradigma; como desenvolvem Pinheiro e Tolentino (2020) a respeito da reforma do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) feita em 2017 pelo governo Temer.

O PNLD foi criado em 1985, com o propósito de disponibilizar livros didáticos para escolas públicas de Educação básica a partir de suas diretrizes; a reforma de 2017 agregou ao programa a distribuição de livros literários, não fazendo distinção nos mecanismos de avaliação que seriam aplicados sobre ambos, reiterando por fim o olhar exclusivamente “didático” acerca da produção literária voltada ao público infanto-juvenil.

Como prosseguem os autores, algumas das críticas da reforma do PNLD Literário se caracterizam pela “*exigência de materiais de apoio ao professor, a determinação de temas de acordo com a faixa etária dos estudantes e a limitação de formatos e atributos físicos dos livros.*” (PINHEIRO & TOLENTINO, 2020, p. 174)

Literatura como fonte para estudos de História da Educação

Vamos inverter um pouco as coisas nessa última seção textual do boletim. Até agora utilizamos a literatura como o objeto de análise histórica, mas é possível também utilizar obras literárias como fonte.

Essa abordagem nem sempre foi uma possibilidade na produção historiográfica, visto que até a metodologia elaborada pela linha teórica da “Nova História” a partir da metade do séc. XX (CAMPARIM, 2021), as fontes consideradas válidas se caracterizavam em grande parte como documentos políticos oficiais. Na história da educação, âmbito que será abordado, essa abertura começa a se dar a partir das décadas de 1970 e 1980, como descrevem Brito e Ribeiro (2013) em sua introdução no artigo *História da Educação e Literatura: possibilidades de relações*.

Mas afinal, o que é uma fonte histórica?

A resposta dessa pergunta pode ser encontrada no boletim

A Traça nº 21

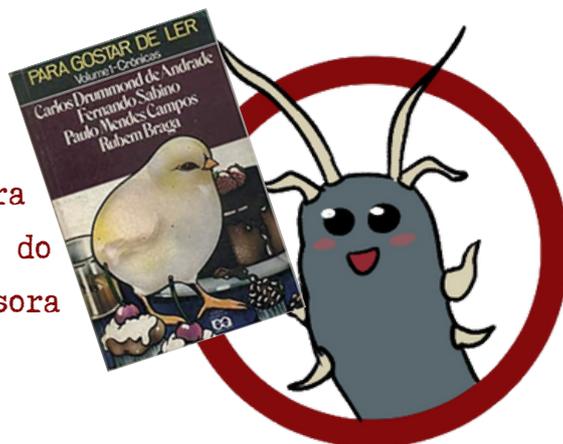
O artigo em questão aborda o uso de duas obras para o estudo do processo educacional e escolar brasileiro em momentos distintos: Memórias de um sargento de milícias (1854), de Manuel Antonio de Almeida, abordando o Brasil Império no Rio de Janeiro e Novelas Paulistas (composto por obras de 1927, 1928 e 1936) de Antonio de Alcântara Machado, abordando a Primeira República em São Paulo.

Nessas obras, a vida cotidiana e escolar é posta em holofote por Brito e Ribeiro (2013), que articulam as informações retiradas dos textos com seu contexto de produção e biografia autoral; concluindo a possibilidade de uma análise historiográfica dos sistemas educacionais vigentes à época em que os textos foram escritos ou remetem a partir de seu conteúdo.

Gostaríamos de compartilhar com vocês livros que marcaram a trajetória escolar dos membros da equipe do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação!

Para Gostar de Ler - Volume 1

“Eu me lembro com carinho dos livros da coleção Para Gostar de Ler. Na biblioteca da minha escola pública do Fundamental tínhamos todos os volumes e nossa professora lia para a gente toda sexta feira.”



Andréa



Nadia

Coleção Vagalume - O Caso da Borboleta Atíria

“A Coleção Vagalume marcou minha infância e trajetória escolar. Este era o livro que eu mais gostava desta Coleção!”

Apanhador no Campo de Centeio

“Eu entrei em contato com ele numa atividade em que a gente lia livros com temática. Tinha vários, tipo Sargento De Milícias, O Diário da Anne Frank e até Lolita. Eu tinha escolhido esse porque eu achei o título engraçado.”



Emanuel



Ana

Menino do Dedo Verde

“Como indicação de minha mãe, o menino do dedo verde ficou estampado em minha memória como primeira leitura reflexiva em minha formação!”

Coleção Vagalume - Escaravelho do Diabo

“Vou reiterar o comentário da prof. Nadia sobre a Coleção Vagalume! "Escaravelho do Diabo" e "A ilha perdida" foram dois livros que sempre fizeram parte das aulas de literatura na minha escola.”



Cezar

Felpe Filva

“Acho que um dos livros que mais impactou minha trajetória escolar foi esse. Além de amar muito a história e as ilustrações, acho que de certa forma influencia minha formação como professora também.”



Moara

Revolução em Mim

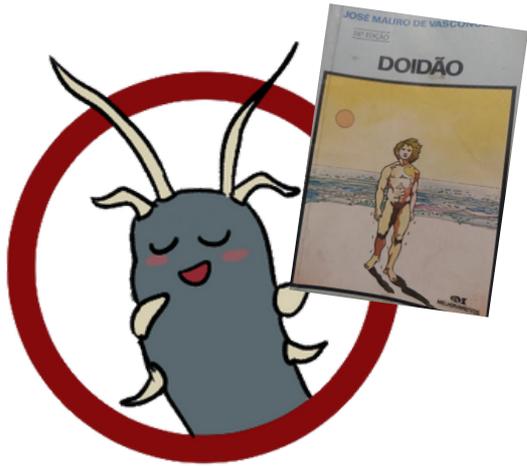
“Fui apresentada ao livro "Revolução em Mim" (Marcia Kupstas, 1990) nas aulas de História do 9º ano. Ele foi marcante para minha formação por trabalhar de maneira bastante contundente a importância do engajamento político pessoal no combate a contextos autoritários e normatizações.”



Rafaela

Doidão

“O livro que me desperta memória afetiva é o "Doidão" do José Mauro Vasconcelos, autor mais conhecido pelo livro "Meu pé de laranja lima" (ambos os livros, aliás, aparecem como sendo parte de uma mesma trilogia, embora não se pareçam em quase nada). "Doidão" trata de um rapaz chamado "Zé" (nome que seria uma alusão ao próprio José Mauro Vasconcelos), que está na passagem da adolescência para a vida adulta, o protagonista tenta encontrar "seu lugar no mundo" (em diferentes aspectos da vida: sentimentalmente, profissionalmente, etc). É um livro infanto-juvenil, mas me lembro de ter lido quando era criança. Provavelmente por tratar-se de um livro curto (tem menos de 100 páginas) e pelo escritor ter uma forma de escrever bastante agradável, foi o primeiro livro (e um dos poucos) que terminei em um só dia nessa vida.”



Rhangel

O jogo das moradas pulsantes

“Esse é um dos primeiros livros que li na infância por causa da escola e com certeza é o que mais me impactou e despertou meu desejo pela leitura. É um livro curto e ilustrado que traz reflexões sobre vida e morte de maneira muito bonita e sensível, sendo uma ótima leitura tanto para crianças quanto para adultos.”



Anne



Laís

O Meu Pé de Laranja Lima

“Primeira vez que chorei lendo um livro! Me abriu caminho para leitura, atividade que virou meu passatempo preferido durante o ensino fundamental.”

Referências

- BA Traça n.14 - novembro/2021 - **Documentação Histórica**. <https://educacao.ufpr.br/wp-content/uploads/2021/11/TRA%C3%87A-NOVEMBRO21.pdf>
- BRITO, Arlete De Jesus; RIBEIRO, Maria Augusta. **História da educação e literatura: possibilidades de relações**. Bolema: Boletim de Educação Matemática. UNESP - Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, v. 27, n. 45, p. 97-116, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109978>>.
- CORDEIRO, Andrea Bezerra. **Dando vida a uma raiz: o ideário pedagógico da primeira república na poesia infantil de Olavo Bilac**. 2005. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão; FACINCANI, Eliane Fernandes. **Literatura Infantil e Escola: Algumas considerações**. in: ANAIS do 16º COLE (Congressos de Leitura do Brasil) da ALB, Campinas, 2007. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_06.pdf
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. História & Histórias. São Paulo: Ática, 1984.
- LUIZ, Fernando Teixeira. **A História do Ensino de Literatura Infantil no Brasil: Um Estudo sobre a Trajetória da Obra de Monteiro Lobato na Escola**. 2005. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1674/1591>
- MENNA, L. R. M. C. **Educação e literatura infantil: primeiras décadas do Século XX**. Literartes, [S. l.], n. 4, p. 22-42, 2015. DOI: 10.11606/issn.2316-9826.literartes.2015.97932. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/97932>.
- PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica Mariana Andrade. **A LITERATURA INFANTIL EM PERIGO: políticas públicas e o controle da leitura**. Caderno de Letras, Pelotas, v. 38, p. 169-182, set-dez. 2020.
- PINTO, M., SARMENTO, M. J. (Coords.) (1997). "As Crianças: contextos e identidades". Sociedad e Infancias. Braga, 1997.
- SCHEFFER, Cristiane Sebastião. **A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2010. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010.
- SEGANTINI, Mariany Bonomo. **A LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR: um olhar sobre a literatura infantil e seu desenvolvimento na práxis pedagógica de uma professora**. 2019. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2019.

Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

EQUIPE

Ana Lucia Rodrigues (História)

Anne Gabriela de Cristo Machado (História - Bolsista Extensão)

Brianna Cantelli Carmali (História)

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)

Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)

Emanuel Diogo Lima dos Santos (História)

Isabelle Cristina Salomão (Pedagogia)

Lais Deodato Morales (História)

Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia)

Nathália Selau (História)

Nathaly de Moraes Dias (História - Estagiária - Arquivo do Setor de Educação)

Paula Pretto Oening (História - Bolsista Extensão)

Rafaela Zimkovicz (História)

Rhangel dos Santos Ribeiro (História)

CONTATO E REDES SOCIAIS

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br

Facebook: <https://www.facebook.com/historiasememoriased>

Instagram: <https://www.instagram.com/historiasememoriased/>

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacaoe-pesquisa-emhistoria-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

